

V Á R I A

A LIMPEZA DE MOEDAS DE PRATA POR ELECTRÓLISE (*)

Por AUGUST BINKERT

Nas colecções numismáticas existem sempre peças prejudicadas na sua aparência por manchas escuras, crostas cinzentas, e por vezes verdete.

Nas moedas de prata estas impurezas são, na maioria dos casos, devidas à formação de cloreto e sulfureto de prata misturados com concreções calcáreas, formando-se muitas vezes outras combinações químicas de ferro e cobre, consoante o meio em que se encontraram, os diferentes metais com que estiveram associados, a vasilha na qual estiveram enterrados, o terreno onde estiveram depositados, enfim, as condições do solo e do meio a que ficaram expostas.

Há muito que se procuram meios para eliminar tais concreções com o fim de restituir às moedas o aspecto primitivo.

Assim, para fazer desaparecer as concreções da superfície das moedas encontramos sobretudo a recomendação de as esfregar com escovas metálicas macias, de tentar descascar as camadas pelo aquecimento da moeda, ou ainda de as tratar quimicamente por meio de ácidos, lexívias, ou soluções salinas. Em resultado destes tratamentos as impurezas, em muitos casos, desaparecem, mas outras tantas vezes a superfície da moeda fica arranhada ou corroída.

Citamos, como menos ofensivo, porém um tanto demorado, e nem sempre de resultados certos, o processo galvânico, que aliás é mais recomendável para a limpeza de moedas de bronze, e que consiste na formação dum elemento de pilha, pela submersão das moedas, envolvidas em papel de estanho, ou colocadas entre lâminas de zinco, numa solução de soda cáustica. A corrente gerada decompõe as concreções e facilita o seu desprendimento.

E foi possivelmente neste processo que se inspirou o modo de trabalho, publicado em 1925 e 1934 pelo americano Colin Fink (1), que pretende fazer desaparecer, e tornar impossível um novo ataque, da «doença do bronze».

Em vez de se gerar a corrente eléctrica galvânicamente, esta será fornecida do exterior, formando o bronze doente um eléctrodo, e servindo para o

(*) Original publicado in «Schweizer Muenzblaetter», Março 1956. Versão portuguesa de Ed. M. van der Niepoort e F. Russell Cortez.

(1) *Metal Ind.*, 23, 272 — New York, 1925 e *Industrial and Engineering Chemistry*, 26, 234 (1934).

A LIMPEZA DE MOEDAS DE PRATA
POR ELECTRÓLISE



outro uma lâmina de ferro ou de platina. O electrólito usado por Fink é uma solução de soda cáustica ou de carbonato de soda.

Passando agora corrente contínua através da solução, de forma que o bronze constitua o polo negativo — o cátodo —, produz-se, última instância, a electrólise da água, ou seja, a decomposição da água em oxigénio e hidrogénio. É o hidrogénio, depositado, como se diz «statu nascendi», no bronze, tem um efeito altamente redutor. Decompõe, assim, as concreções de verdete, ficando a superfície da moeda limpa e resistente a ataques posteriores.

O processo dá resultados excelentes, mas tem o defeito de eliminar, não só o verdete e outros depósitos indesejáveis, mas também a pátina verdadeira e a camada de óxido de cobre, que se encontra por debaixo, e que tão característica é numa moeda autêntica.

Passando agora à prata, vamos demonstrar quais as possibilidades deste método de limpeza electrolítica, quando aplicado a moedas deste metal.

Desejamos todavia unicamente expor alguns pontos fundamentais e fazer realçar os resultados obtidos, bem como as possibilidades que o método nos proporciona. Porque é fora do âmbito deste trabalho entrar em detalhes técnicos, ou fornecer dados sobre a amperagem, voltagem, material dos eléctrodos, composição do electrólito, etc., utilizados nos ensaios, sempre com a mira de melhorar os resultados.

Para começar diremos que nunca se deve tentar retirar a bela e uniforme camada cor de castanha, de cloreto de prata (chamada imprópriamente pátina em moedas de prata), que porventura se tenha formado durante o longo estágio debaixo da terra, a não ser que seja espessa demais, desfigurando assim o figurado da moeda. É igualmente aconselhável conservar a camada de cor cinzenta violeta, própria da prata velha, que se produz com relativa rapidez ao contacto com o ar. Ambas as camadas dão às moedas uma boa protecção.

Pelo contrário, há toda a conveniência em remover manchas isoladas, bem como camadas e crostas, de cor clara ou escura. Mas se tentarmos fazer desaparecer, por limpeza mecânica ou química, estes defeitos, que são formados muitas vezes por combinações químicas, em que a prata da própria moeda entrou, ficaremos sujeitos a desfalcar a moeda dessa prata, e ainda deixar a sua superfície com aspecto áspero e rugoso.

Nada disto se dá com a limpeza electrolítica, porque o processo se inicia pela retransformação de todas as concreções argêntneas, voltando assim a prata, pelo efeito da corrente eléctrica, para donde veio: a superfície da moeda. É este um ponto essencial, que nos demonstra quanto é conveniente, para conservar uma moeda de prata, ou restaurar o que dela ainda possa ser salvo, tratá-la pela electrólise, antes de a submeter a qualquer outra limpeza (à excepção de uma lavagem com sabão para a libertar de qualquer sujidade).



Isto todavia não quer dizer que toda e qualquer moeda, coberta de crostas, volte, por efeito da electrólise, ao estado de «*flor de cunho*». Assim as moedas gastas pelo uso, ou provenientes de cunhos corroídos, ou por outras razões defeituosas, não podem, mesmo que as crostas desapareçam, tirar grande proveito do tratamento. É só por conjectura, e nunca com certeza, que podemos ajuizar qual será o resultado, uma vez que o estado da moeda por debaixo das crostas só será conhecido quando estas forem removidas. É ainda essencial actuar tanto mais devagar, quanto menos do figurado esteja à vista, e quanto mais grossas forem as concreções, seguindo com a lupa o decorrer da limpeza.

Nem todas as manchas e crostas podem ser eliminadas pela electrólise; muitas vezes o objectivo só pode ser atingido por uma ulterior limpeza química. E esta exige um profundo conhecimento dos meios a empregar, para que a superfície da prata não seja atacada, e requer sempre cuidados especiais que variam segundo as circunstâncias. É pois impossível dar uma receita geral aplicável a todos os casos.

Após a limpeza as moedas apresentam geralmente o aspecto, nem sempre agradável, de prata branqueada, defeito que pode ser corrigido por uma rápida oxidação electrolítica, obtida pela inversão da corrente, da qual resultará a formação de uma finíssima camada de óxido de prata. Na maioria dos casos este tratamento é dispensável, pois bastará o contacto com o ar para que a moeda ao fim de umas semanas, tome o brilho baço da prata velha.

Vamos agora mostrar, por meio de dois exemplos, os resultados que se podem conseguir com este método de limpeza electrolítica. As figuras representam duas moedas gregas — tetradracmas de Rhegion e de Himera-Thermai — que quando achadas se encontravam cobertas de espessas crostas, manchas e afloramentos; foram limpas, sem qualquer prévio tratamento, pelo processo electrolítico descrito. O resultado fica demonstrado pela comparação do aspecto das moedas, antes e depois da aplicação do processo.

A eficácia deste método torna-se especialmente notável se observarmos os pequenos detalhes. E se as gravuras pudessem ter sido apresentadas coloridas, a diferença do «antes e depois» seria ainda mais flagrante, e mais convincente a prova, de como se pode, por este processo, limpar e restaurar moedas com excelente resultado e sem as prejudicar.

Nota da Redacção: O Autor ofereceu-se amavelmente a proceder à limpeza, pelo método electrolítico, de moedas que lhe forem enviadas para esse fim. Os proventos destes trabalhos reverterão exclusivamente a favor do Fundo de Publicidade da Sociedade Numismática Suíça, para o desenvolvimento das suas publicações. Os interessados deverão dirigir as suas consultas, quanto à possibilidade da limpeza, o seu custo, e ainda o envio das moedas, ao Redactor das «Schweizer Muenzblaetter», o Ex.^{mo} Sr. Dr. H. Cahn, a/c Muenzen und Medaillen AG., Malzgasse 25, Bâle, Suíça.

ACHADOS NUMISMÁTICOS

ACHADO DE PENAMACOR

Por FERREIRA GAMBETTA

No número 4 de *Nummus*, o ilustre consócio Snr. Coronel Mário Ramires refere-se ao conhecimento que teve deste achado, pedindo achegas para o seu esclarecimento.

Tendo pretendido estabelecer correspondência com o achador na ocasião em que o caso foi divulgado nalguns órgãos da imprensa diária, não o consegui. Pude, no entanto, fazê-lo com certo êxito por interposta pessoa dos arredores de Penamacor e colher posteriormente elementos de auxílio para tornar menos denso este «misterioso» achado. Não são eles, infelizmente, de molde a aclará-lo completamente, mas hão-de contribuir certamente para o tornar menos obscuro.

Em princípios de 1948, quando cavava o terreno, segundo julgo, António da Costa Azevedo, de Aldeia do Bispo, encontrou na «Barroca do Antero», também conhecida por «Barroca da Traquina», não longe da «Barroca do Ouro» e ambas nas proximidades da Carreira de Tiro de Penamacor, alguns denários romanos.

Transcrevo a maneira como o próprio, em carta que me dirigiu, descreve as condições em que fez o achado e o destino que lhe deu:

«As moedas estavam espalhadas no solo próximo de um penedo de metro e meio de altura. Eram ao todo 74 moedas, sendo vendidas 14 ao Sr. Filipe e mais 60 que me fizeram entregar na Câmara de Penamacor...».

Na notícia do acontecimento publicada então, talvez no jornal «O Século», figurava António Pedro, pai daquele, como autor da descoberta do tesouro, o que não corresponde à verdade, como me foi possível concluir, não só por correspondência que nessa época troquei com pessoa de Aldeia do Bispo, merecedora de todo o crédito, mas também pelo que consta do auto de entrega das 60 moedas na Câmara de Penamacor.

A mulher a quem se atribui o achado no comunicado feito no referido número de *Nummus*, deve ser a mãe do verdadeiro achador, pessoa que inicialmente promoveu a venda dos denários.

Além destes 74 denários, foram achados no mesmo local, por soldados da Carreira de Tiro, mais 5, que entregaram ao oficial Director da Carreira.

Há, portanto, indicações seguras de terem sido encontrados 79 denários. Constituirão eles a totalidade do tesouro? É de crer que não, porquanto,

confrontando os numismas descritos no número 4 de *Nummus* com os que adiante se classificam, verifica-se faltarem alguns denários consulares, mesmo levando em conta três exemplares que levaram caminho da Câmara, os quais por esse motivo não puderam ser classificados.

Para mim, pelas diligências efectuadas, é ponto assente que o «grosso» do tesouro foi descoberto pelo António da Costa Azevedo e que outras pessoas conhecedoras do facto rebuscaram o terreno e encontraram mais algumas moedas. A não ser que outro ou outros tesouros fossem encontrados quase ao mesmo tempo no mesmo ou noutro local próximo, hipótese não muito realizável mas de considerar.

Os 14 denários vendidos pelo achador vieram parar à minha colecção.

A localização dos denários inventariados era, em resumo, a seguinte:

| | |
|---|-------|
| Na Câmara de Penamacor..... | 57 |
| Em poder do Ex. ^{mo} Sr. Capitão José Esteves Robalo Cordeiro... | 5 |
| Na minha colecção..... | 14 |
| | <hr/> |
| | 76 |

CLASSIFICAÇÃO

A) — Denários Consulares

| | | |
|--------------------------|----------------------------------|------------|
| Sem marca monetária..... | - Bab. 5 (Vol. I, pág. 40) | 1 exemplar |
| Anónimo | - » 176..... | 1 » |
| Anónimo | - » 226..... | 1 » |
| Família AEMILIA | - » 10..... | 3 » |
| » ANTONIA | - » 1..... | 2 » |
| » ANTIA | - » 1..... | 1 » |
| » CARISIA | - » 4..... | 1 » |
| » CIPIA | - » 1..... | 2 » |
| » CLAUDIA | - » 15..... | 1 » |
| » COILIA | - » 3..... | 1 » |
| » CONSIDIA | - » 2..... | 2 » |
| » CORNELIA | - » 28..... | 1 » |
| » CORNELIA | - » 63..... | 1 » |
| » CREPUSIA | - » 1..... | 1 » |
| » FULVIA | - » 1..... | 1 » |
| » JULIA | - » 9..... | 1 » |
| » JULIA | - » 10..... | 1 » |
| » JULIA | - » 11..... | 1 » |
| » LICINIA | - » 18..... | 1 » |
| » LIVINEIA | - » 10..... | 1 » |
| » LOLLIA | - » 1..... | 1 » |
| » LUCRECIA | - » 2..... | 1 » |
| » MARCIA | - » 28..... | 1 » |
| » MUSSIDIA | - » 4..... | 1 » |
| » NAEVIA | - » 6..... | 1 » |
| » PÁPIA | - » 1..... | 1 » |

| | | | | | | |
|---------|-----------|-------|--------|---------|----|----------|
| Família | PLAUTIA | | - Bab. | 14..... | 1 | exemplar |
| » | POMPEIA | | - » | 9..... | 1 | » |
| » | POMPEIA | | - » | 22..... | 1 | » |
| » | POMPEIA | | - » | 27..... | 1 | » |
| » | PORCIA | | - » | 10..... | 1 | » |
| » | POSTUMIA | | - » | 9..... | 1 | » |
| » | POSTUMIA | | - » | 13..... | 1 | » |
| » | POSTUMIA | | - » | 14..... | 1 | » |
| » | PROCILIA | | - » | 2..... | 1 | » |
| » | ROSCIA | | - » | 1..... | 1 | » |
| » | RUTILIA | | - » | 1..... | 1 | » |
| » | SCRIBONIA | | - » | 8..... | 2 | » |
| » | TITIA | | - » | 1..... | 1 | » |
| » | TITINIA | | - » | 7..... | 1 | » |
| » | VIBIA | | - » | 1..... | 1 | » |
| » | VOLTEIA | | - » | 3..... | 1 | » |
| | | | | | 48 | |

B) — *Denários Imperiais**MARCO ANTÓNIO*

| | | | | | |
|-------------|-------|---------|---------|---|----------|
| Legião II | | - Cohen | 27..... | 1 | exemplar |
| Legião VIII | | - » | 35..... | 1 | » |
| Legião XV | | - » | 47..... | 1 | » |
| Legião XVII | | - » | 49..... | 1 | » |
| Legião XXI | | - » | 58..... | 1 | » |

OCTAVIO AUGUSTO

| | | | | | | | | | | |
|-------|-----|-------|---|------------|--|-------|-----|-------|---|----------|
| Cohen | 51 | | 2 | exemplares | | Cohen | 208 | | 1 | exemplar |
| » | 97 | | 1 | » | | » | 262 | | 1 | » |
| » | 122 | | 1 | » | | » | 265 | | 1 | » |
| » | 124 | | 1 | » | | » | 280 | | 1 | » |
| » | 137 | | 7 | » | | » | 321 | | 1 | » |
| » | 144 | | 2 | » | | » | 397 | | 1 | » |
| » | 146 | | 1 | » | | » | 406 | | 1 | » |
| » | 198 | | 1 | » | | | | | | |

Resumo: Denários Consulares 48
 Denários Imperiais 28

Soma..... 76

A maior parte destas considerações foram baseadas em elementos fornecidos obsequiosamente há cerca de um ano, nomeadamente a classificação das moedas existentes na Câmara de Penamacor e na posse do Director da Carreira de Tiro, pelo Ex.^{mo} Tenente-coronel Júlio Rodrigues da Silva, ao tempo Presidente do Município daquela Vila, a quem aqui deixo expresso o maior reconhecimento por ter tornado possível esta comunicação.

NOVAS MEDALHAS

Por ALEXANDRE FERREIRA BARROS

Mais medalhas do escultor João da Silva ilustram brilhantemente este número de NVMMVS e documentam valiosamente a actividade fremente deste ilustre medalheiro português, que, não sendo jovem na idade, consegue rejuvenescer a arte das medalhas em Portugal.

Não vale a pena tentar descrever estas pequenas maravilhas de arte, tão impregnadas desse fluido imponderável que embeleza a vida, pois que a simples imagem, impressa nestas páginas, nos atrai a atenção e prova o seu real valor. Que me desculpe o ilustre escultor português o uso que faço dos seus preciosos trabalhos, belos em qualquer parte do Mundo, para de vez em quando chamar a atenção dos leitores para a arte da medalha em Portugal.

A obra de João da Silva impõe-se-nos não só pela variedade dos motivos, como também por uma grande probidade artística, como se verifica ao examinarmos, aqui, este notável retrato do sábio Prof. Egas Moniz, gravado com tanta coerência e autoridade, como só um Mestre seria capaz de o fazer. Modelado com sobriedade, com toda a rigorosa técnica, que a longa vida artística do singular Mestre medalheiro lhe permite, foi tratado, também, com um certo naturalismo de profundidade, um naturalismo que, sem desprezar a semelhança exterior, superficial, das feições, mergulha especulativamente nos domínios do espírito e coalha em bronze os sentimentos nobres, a vida interior do retratado.

Egas Moniz, conquistador glorioso do Prémio Nobel para Portugal, bem mereceu que João da Silva lhe erguesse este imperecível monumento metálico, testemunho, através do tempo, das diligências e esforços do maior neurologista do século, génio da Medicina Contemporânea e honra do nosso Portugal.

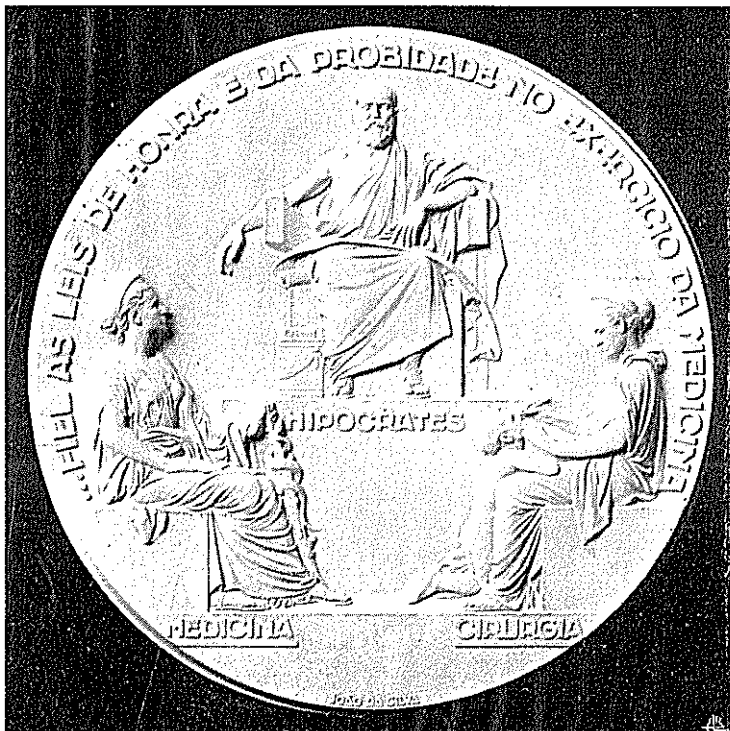
As restantes medalhas, aqui reproduzidas, tratam respectivamente:

- a 1.^a — da inauguração do Hospital Escolar de Lisboa, hoje denominado de Santa Maria, no 25.^o ano do Governo de Salazar, 27-4-53;
- a 2.^a — do I Congresso da Marinha Mercante Nacional, 10-8-1945.

Qualquer delas honra a medalhística nacional e surpreende-nos pela grandiosidade e exactidão dos planos, pela riqueza dos conjuntos, por uma impressão clara e justa dum trabalho digno e exemplar.













AS MEDALHAS DA ARRÁBIDA

Por ANTÓNIO F. TEIXEIRA

São poucas, muito poucas mesmo, as medalhas que se conhecem relativas a Setúbal, ou alusivas a factos da sua história.

Ao que supomos, são as medalhas emitidas por ocasião dos festejos em honra de N.^a Sr.^a da Arrábida as únicas nestas circunstâncias, as quais se revestem, portanto, de especial interesse, dado até que constituem hoje uma raridade.

De facto, poucos exemplares se conhecem actualmente destas medalhas, emitidas por certo em reduzido número.

Temos na nossa colecção três dessas medalhas e, embora escasseiem elementos para uma perfeita e rigorosa identificação, tudo permite admitir que elas tenham sido emitidas em anos sucessivos, sempre coincidindo com a celebração daquelas festas.

A iniciativa dessas emissões deve ter partido da comissão promotora das festas, a que presidia José Maria da Rosa Albino, o grande enamorado dessa maravilha da paisagem portuguesa que é a Arrábida e, sendo assim, podemos calcular que tenham sido emitidas entre 1890 e 1900.

As investigações realizadas não nos permitiram determinar mais que as três já indicadas, pelo que supomos que, depois desses três anos, se não tenha continuado com tal prática.

Nenhuma delas indica data, mas foram sem dúvida emitidas por aquela época, altura em que as festividades atingiam maior esplendor.

Para devida elucidação, passamos a descrever as suas características.

1.^a MEDALHA

Módulo em milímetros — 28

Anv.^o — A fachada do Convento da Arrábida.

Rev.^o — No campo, os dizeres: *Recordação das Festas d'Arrábida — Setúbal*, circundados por uma coroa de louros.

2.^a MEDALHA

Módulo em milímetros — 28

Anv.^o — No campo, a imagem de N.^a Sr.^a da Arrábida, tendo por baixo os dizeres: *N.^a S.^a da Arrábida*.

Rev.^o — *Recordação dos Festejos da Arrábida — Setúbal*.

3.ª MEDALHA

Módulo em milímetros — 24

Anv.º — Imagem de N.ª Sr.ª da Arrábida, circundada de estrelas e dos dizeres: *Nossa Senhora d'Arrábida — Setúbal.*

Rev.º — Pórtico do Convento de Jesus, circundado de estrelas e dos dizeres: *Pórtico de Jesus — Setúbal.*

São todas em liga de alumínio.

As duas primeiras são redondas, mas a terceira apresenta 4 recortes salientes, reproduzidos no campo.

Ficam estas medalhas a atestar um passado de brilhantismo desses festejos, que através delas se recorda.

UMA MOEDA, COMO PROVA DO COMÉRCIO PORTUGUÊS

Foi identificada uma das moedas que o sexagenário Russell Johnson desenterrou na parte de trás do jardim da sua casa de Belvedere Road, em Salisbury.

É uma meia-tanga da Índia Portuguesa, cunhada em Goa em data situada entre os anos de 1828 e 1834, quando reinava em Portugal o Rei Miguel. A tanga era equivalente em valor à «anna» contemporânea. A moeda, a maior das duas que Russell encontrou, é de cobre. O mais baixo peso anteriormente registado para uma meia-tanga era de 321 grãos, mas esta pesa só 305.

Parte do seu desenho desapareceu. Num dos lados há traços do brasão de armas português, coroado, sem lauréis, e no outro vestígios das letras AP e por baixo delas um T, significando *tanga*. O sinal 1/2 está obliterado. Uma grinalda, de que sòmente uma parte é visível, envolve as letras. A moeda foi identificada por um indivíduo de Salisbury, que tem uma colecção de moedas e a bibliografia a elas respeitante. Este supõe que a moeda em causa deve ter sido trazida para o interior por um viajante goês, talvez negociante de Moçambique, décadas antes de Salisbury ter sido fundada pela Coluna de Pioneiros — o que é, portanto, uma prova valiosa da anterior penetração portuguesa no interior. A moeda mais pequena tem todos os seus sinais apagados, pelo que não foi possível identificá-la.

Salisbury (Rodésia do Sul), 5 de Junho de 1955.

Dr. Gaspar Bosh da Graça
(Repórter do «Sunday Mail»)

MOEDAS DE ANGOLA

A Portaria n.º 8.288, publicada no *Boletim Oficial de Angola*, n.º 37, de 16 de Setembro de 1953 (1.ª série), põe em circulação, a partir de 21 de Setembro de 1953, 3.514.000\$00 de moedas metálicas de 1 *angolar* e de 50 centavos, da emissão autorizada pelo Decreto n.º 38.695, de 22 de Março de 1952.

A Portaria n.º 8.360, publicada no mesmo *Boletim*, n.º 46, de 18 de Setembro de 1953 (1.ª série), manda pôr em circulação, a partir de 16 de Setembro de 1953, 15.000.000\$00 de moedas metálicas de 2\$50, da emissão autorizada pelo Decreto n.º 38.695, de 22 de Março de 1952.

A Portaria n.º 8.567, publicada no *Boletim* n.º 20, suplemento, de 22 de Maio, põe em circulação, a partir de 24 de Maio de 1954, mais 5.859.000\$00 de moedas metálicas do valor facial de \$50.

Pena é que seja tão difícil, para os coleccionadores, conseguir moedas ultramarinas.

A Casa da Moeda, a Agência Geral do Ultramar ou o Banco Ultramarino bem podiam resolver esta incompreensível dificuldade. Haja em vista o que sucede com os selos postais, facilimos de adquirir, logo que são emitidos.

Verdade seja que as recentes moedas ultramarinas devem ser das artisticamente mais feias e decadentes de toda a nossa série monetária. E os selos, agora, há-os lindíssimos.

MOEDA CIRCULANTE EM S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Segundo o relatório, para 1948-1951, do Sr. Governador Carlos S. Gorgulho, pág. 314, a moeda metálica que circulou naquela Província, foi:

| | |
|-------------------|---------------|
| em 1948 | 1.280.000\$00 |
| em 1949 | 1.685.000\$00 |
| em 1950 | 1.873.000\$00 |
| em 1951 | 1.940.000\$00 |

É curioso notar que a circulação da moeda metálica, nestes anos, não acompanhou as oscilações da circulação de notas.

Segundo o mesmo Relatório, «o movimento da moeda em circulação acompanha o da importação para consumo, principal elemento do comércio interno».

MOEDAS DE MOÇAMBIQUE

A Portaria n.º 10.092, publicada no *Boletim Oficial de Moçambique*, n.º 47, de 21 de Setembro de 1953 (1.ª série), marca o prazo de 3 meses para se proceder à recolha e troca de moedas de prata de 10\$00 e de 5\$00, mandadas cunhar por Decretos de 16 de Agosto de 1934, de 7 de Maio de 1938 e de 4 de Abril de 1949.

A Portaria n.º 10.306, publicada no *Boletim* n.º 8, em 20 de Fevereiro de 1954, prorroga o prazo supra até 31 de Março de 1954, e dá nova redacção ao Art.º n.º 5 daquela Portaria.

A Portaria n.º 10.488, publicada no *Boletim Oficial de Moçambique*, n.º 30, de 24 de Julho de 1954 (1.ª série), fixa até ao dia 30 de Setembro de 1954 o prazo estabelecido no Art.º n.º 1 da Portaria n.º 10.092, de 21 de Setembro de 1953, para a recolha e troca de moedas de prata de 10\$00 e 5\$00 pelo Banco Ultramarino e Recebedorias da Fazenda.

A MOEDA NO ULTRAMAR

Sobre a história e usos da Moeda no Ultramar, e designadamente em Angola, há dois parágrafos muito interessantes no livro *Os Nativos na Economia Africana*, de Marcelo Caetano, págs. 101 e seguintes.

Em uma nota, cita, sobre a História Monetária do Ultramar, Vicente Ferreira, *Estudos Ultramarinos*, Vol. I, págs. 80 e 277.

Vale a pena lerem-se.

RECTIFICAÇÃO

Por lapso dos revisores, na secção *Informações bibliográficas* do n.º 9 de «*Nummus*», as duas páginas de crítica que publicámos sobre duas valiosas traduções do Dr. Luís Pinto Garcia, apareceram sem a assinatura do seu Autor, o Snr. Dr. Juiz José de Barros. Como esta prosa não deve renegar o Autor dos seus dias, aqui fazemos a rectificação e aqui pedimos desculpa a ele e a todos os que notaram a grave falta.

Igualmente rectificamos o nome do sócio honorário falecido, Snr. Dr. Carlos Ary Gonçalves dos Santos, e o sócio n.º 191, Snr. João B. C. Robertson, que, o primeiro na secção *Obituário* e o segundo na secção *Vida Social* — apareceram inexplicavelmente modificados.

VIDA SOCIAL

SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA

SÓCIOS EFECTIVOS

Admitidos no quadrimestre Agosto-Dezembro de 1955

- N.º 206 — Dr. João Emiliano dos Santos Paul — Verificador das Alfândegas do Ultramar (Moçambique).
N.º 207 — António Augusto Lopes Almeida de Moraes — Estudante (Coimbra).
N.º 208 — Dr. Herbert A. Cahn (Suíça).
N.º 209 — Leonildo Soares Rosa — Delegado de propaganda farmacêutica (Troviscal).
N.º 210 — Dr. José Joaquim Pereira de Lima — Médico (Lavadores — Vila Nova de Gaia).
N.º 211 — Abílio Rodrigues de Sousa Sampaio — Agente técnico de engenharia (Porto).
N.º 212 — José António dos Santos Catita — Comerciante (Lisboa).

SÓCIO QUE PEDIU A DEMISSÃO

- N.º 209 — Leonildo Soares Rosa (Troviscal).

BIBLIOTECA DA S.P.N.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Obtidas por intercâmbio:

DO GABINETE DE HISTÓRIA DA CIDADE — CAMARA MUNICIPAL DO PORTO:

- *Ferros forjados do Porto*
- *Boletim cultural*: Vol. XVIII, Fasc. 1 e 2.

DA SOCIEDAD IBEROAMERICANA DE ESTUDIOS NUMISMATICOS — Madrid:

- *Numisma (Revista Trimestral)*: Ano V — 1955 — N.º 14 e 15.

DA INSTITUCIÓN «PRINCIPE DE VIANA», de Pamplona — Espanha:

- *Príncipe de Viana*: Ano XVI (4.º trim. de 1955), n.º LIX.

De B. A. SEABY, LTD. — Londres:

- *Roman Silver Coins*: Vol. II, Part. 2.

DO ARCHIVO ESPAÑOL DE ARQUEOLOGIA:

- *Bol. n.º 88* — 2.º semestre de 1953 — XXVI.

DO ISTITUTO ITALIANO DI NUMISMATICA:

- *Annali* — Roma, MCMLV.

DE OSCAR RINALDI:

- *Italia Numismatica (Revista mensal)*:
N.º de Maio, Junho, Julho, Agosto e Setembro de 1955.

Oferta:

UNIVERSIDADE DE SANTIAGO — Compostela, 1955.

- *Discurso inaugural do Prof. Dr. Alvaro Ors Pérez lido na abertura do curso académico de 1955-1956.*